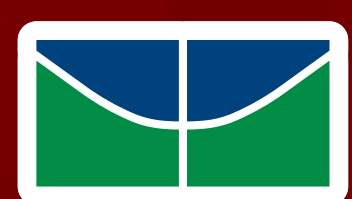


**PEQUENO
MANUAL
DE
COMUNICAÇÃO
NÃO
ESTIGMATIZANTE
SOBRE
HIV E AIDS**



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SAÚDE COLETIVA



Universidade de Brasília

Autoria

HENRIQUE CAVALHEIRO

@cavalheiro.henrique

Orientação

XIMENA BERMÚDEZ E JANARA SOUSA

Diagramação

ANDRÉ MELO

Revisão

ANA SYLVESTRE E JOSUÉ TERCEIRO

POR QUE ESTE GUIA?

Este guia nasce da pesquisa **“Comunicação (não) Estigmatizante: A representação das pessoas que vivem com HIV e aids no Brasil”**, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UnB, que analisou 1.945 matérias publicadas entre 2020 e 2024 em 3 portais de notícias brasileiros: G1, UOL e CNN Brasil, para entender como a mídia representa as pessoas que vivem com HIV e aids. O estudo revelou que mais da metade das matérias (53,8%) ainda utiliza linguagem e enquadramentos estigmatizantes, associando o HIV a crime, culpa ou morte. Em contraste, apenas 46,2% publicações foram classificadas como não estigmatizantes, com foco em protagonismo, saúde, prevenção e direitos das pessoas que vivem com HIV e aids.

Este pequeno manual foi criado para aproximar a comunicação, seja ela no jornalismo, publicidade e propaganda, marketing, ou outras habilitações, da ciência e dos direitos humanos. É um convite para comunicadores e comunicadoras transformarem a maneira de contar histórias, promovendo uma comunicação que informa sem ferir, que educa sem estigmatizar e que reconhece, em cada pessoa vivendo com HIV, um sujeito pleno de direitos, dignidade e vida. Uma comunicação geradora de vida.

O FATO É...

A pesquisa revelou um dado inquietante: mais da metade das matérias sobre HIV e aids no Brasil, entre 2020 e 2024, ainda reforçam o **estigma**.

O sociólogo Erving Goffman (1982) define o estigma como um rótulo social que desqualifica uma pessoa e a reduz a uma característica vista como negativa.

No caso do HIV, o estigma surge quando alguém é tratado apenas pela sua sorologia e não como sujeito de direitos.

Fonte: GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

De acordo com o Boletim Epidemiológico HIV e aids 2025, o Brasil registra, desde 1980 até 9/2025, 1.679.622 pessoas vivendo com HIV ou aids. Somente em 2024, foram 39.216 novos casos de HIV e 36.955 casos de aids, além de 9.157 mortes relacionadas à síndrome.

Os homens concentram a maioria dos novos diagnósticos, sobretudo entre 20 e 29 anos (44,7%). Pessoas negras (pretas e pardas) representam 59,7% dos novos casos. Entre as mulheres, 62,5% dos novos diagnósticos ocorreram entre mulheres negras.

Hoje, o desafio não é apenas médico, mas social e comunicacional: eliminar o Estigma e romper o silêncio, o medo e o preconceito que ainda cercam o tema.

A comunicação é parte dessa resposta. Comunicadoras e comunicadores têm um papel decisivo na forma como o país enxerga o HIV e a aids. Cada palavra publicada ajuda a moldar percepções, comportamentos e políticas públicas.

Este guia é um convite para praticar um jornalismo orientado por direitos humanos, capaz de transformar o modo de narrar o HIV e aids, com informação, empatia e compromisso com a vida.



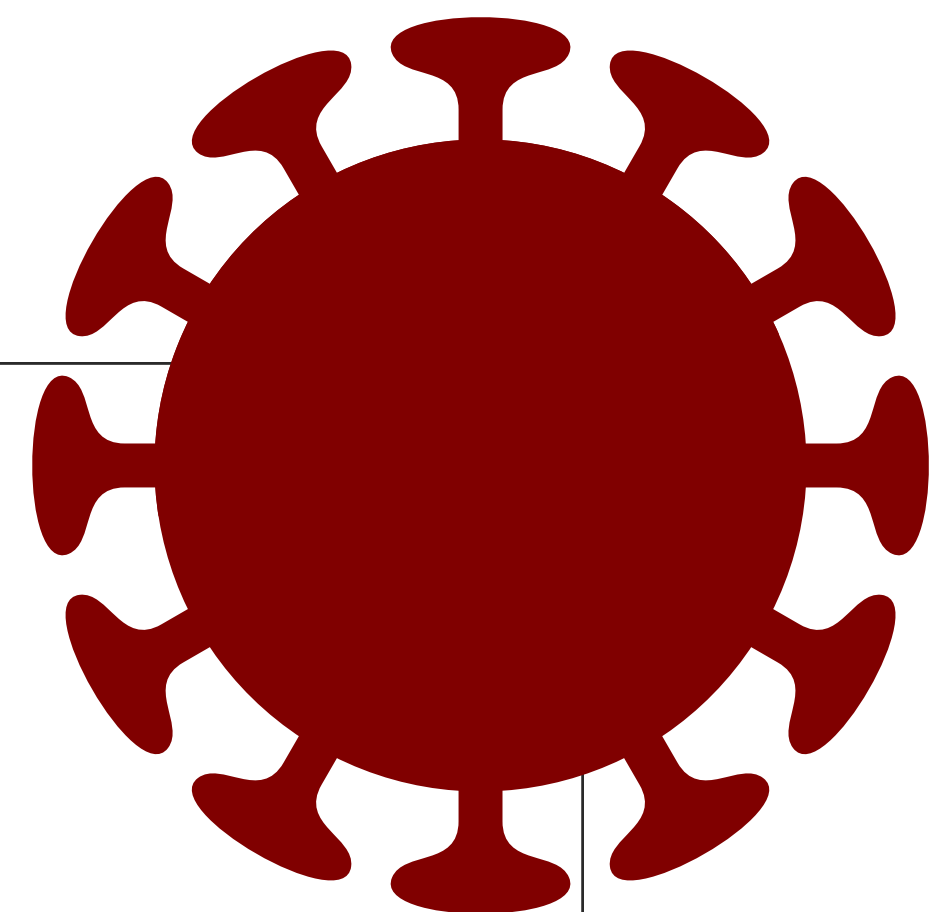
Mas será que sabemos o suficiente sobre esse tema?

HIV e aids aparecem nas pautas todos os anos, mas ainda precisamos aprender como cobrir, o que escrever, de que forma escrever e, principalmente, quem ouvir. A proposta é conhecer os termos corretos, evitar expressões que reforçam o estigma e compreender o sentido de cada palavra e sigla, além da escolha das fontes.

HIV e aids continua sendo notícia. O desafio é repensar como essa notícia é construída.

Vamos lá?

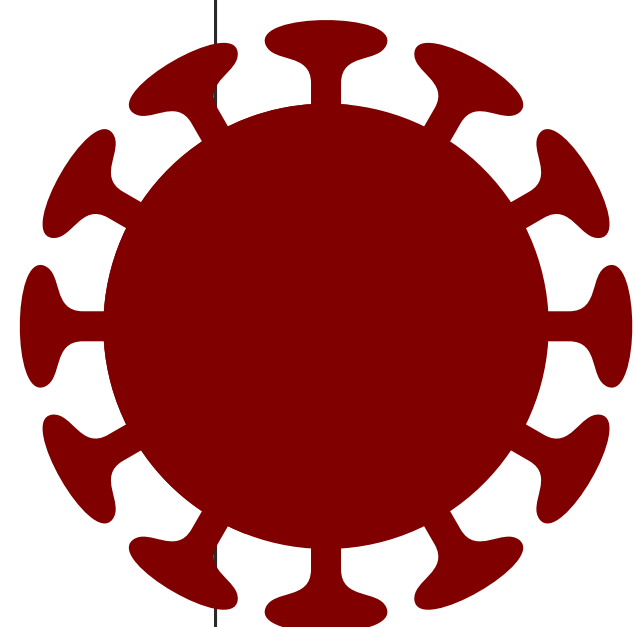
ANTES DE TUDO, É PRECISO SABER O QUE É:



HIV e aids

HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana):
Ele ataca o sistema imunológico, enfraquecendo as defesas do corpo.

Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida):
É o estágio mais avançado da infecção, quando o sistema imunológico está enfraquecido e surgem as doenças oportunistas.



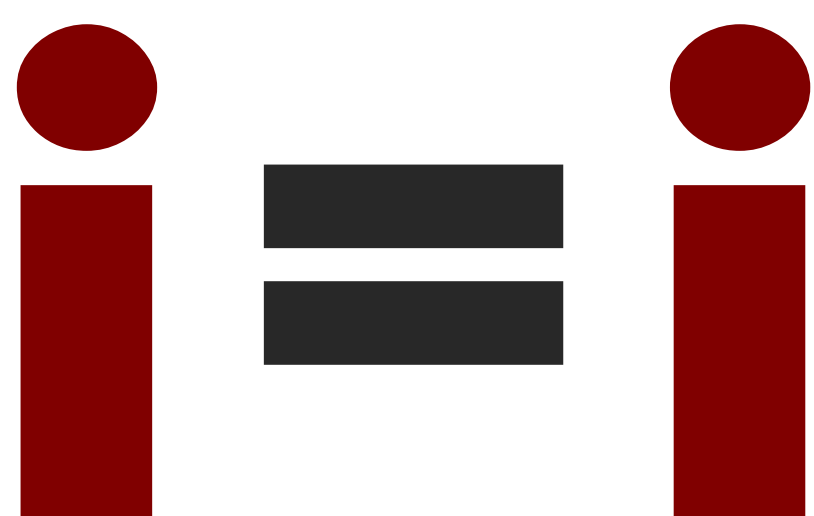
Ter HIV não é o mesmo que ter aids. A evolução do vírus pode ser evitada com o tratamento antirretroviral, que é gratuito no Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil.

Indetectável = Intransmissível

I = I: É o conceito revolucionário que todo comunicador deve saber!

Indetectável: Pessoas com HIV em tratamento antirretroviral podem atingir a carga viral indetectável.

Intransmissível: Nesses casos, a quantidade de vírus no sangue é tão baixa que se torna intransmissível por via sexual. Isso é cientificamente comprovado e precisa ser amplamente divulgado!



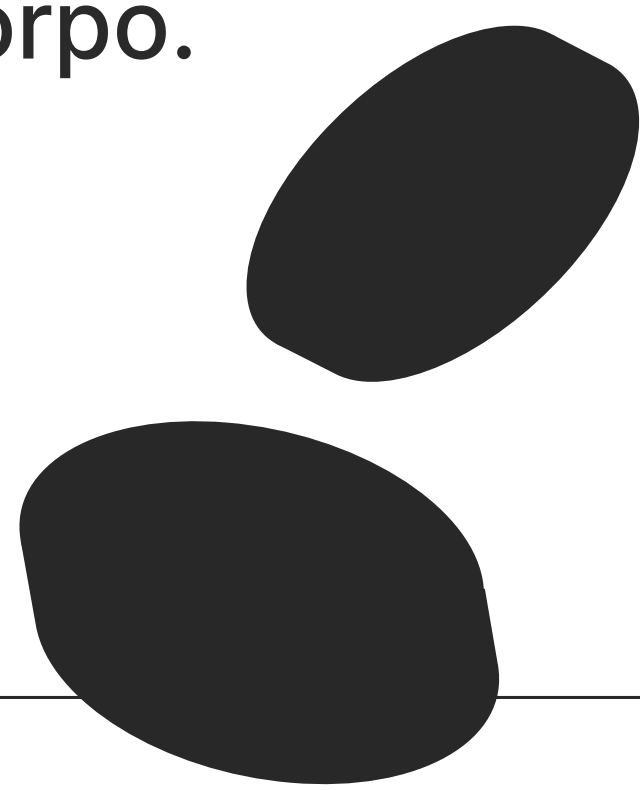
PrEP e PEP

Métodos de prevenção combinada.

PrEP (Pré-Exposição) é o uso de medicamentos por pessoas sem o vírus antes da exposição, com o objetivo de impedir o HIV de se instalar no corpo.

PEP (Pós-Exposição) é usada após a exposição de risco (até 72h).

Ambas são oferecidas gratuitamente pelo SUS!



Casal sorodiscordante

É um casal formado por uma pessoa que vive com HIV e outra que não vive com o vírus. Com tratamento e acompanhamento médico adequado, é possível ter uma vida sexual e afetiva saudável, inclusive com planos de ter filhos, se quiserem.



Sorofobia

É o preconceito, medo ou discriminação contra pessoas que vivem com HIV. A sorofobia aparece em atitudes, matérias jornalísticas, falas, piadas ou decisões que isolam e desumanizam. Ela afasta as pessoas da testagem e do tratamento e reforça o estigma.



USAR E NÃO USAR

Para ajudar na redação de matérias não estigmatizantes sobre HIV e aids, elaboramos este guia terminológico com orientações sobre termos que devem ser evitados e outros recomendados:

Portador(a) do Vírus

Portador é incorreto, estigmatizante e ofensivo. O termo "portador" desumaniza, enquanto a terminologia recomendada coloca a pessoa em primeiro lugar.

Prevenção HIV e aids

Sempre que possível, evite usar as expressões HIV e aids juntas, pois são conceitos diferentes. A maioria das pessoas que vive com HIV não tem aids. A expressão "prevenção do HIV e aids" é incorreta: a prevenção do HIV envolve camisinha, PrEP e PEP, enquanto o tratamento da aids inclui terapia antirretroviral, antibióticos e outros medicamentos.

Pessoa Vivendo com HIV

Testagem HIV; diagnóstico de aids

Doença mortal, incurável, deficiência imunológica

O uso de termos sensacionalistas ou com tom de culpa e tragédia nas produções de comunicação gera medo, reforça o estigma e alimenta a discriminação.

A aids não é uma simples deficiência imunológica. É uma condição de saúde que pode ser controlada e seu tratamento permite uma vida plena e saudável.

Contaminado(a), ou infectado(a) com HIV ou aids

São termos duros e biomédicos que tiram o foco da humanidade. Contaminação é a transmissão de impurezas capazes de prejudicar a ação normal de um objeto. A aids não é um agente infeccioso.

aids

Pessoa vivendo com HIV ou pessoa HIV positiva

Grupos de Risco ou populações-alvo

O risco está relacionado com o comportamento (falta de prevenção) e não com um grupo de pessoas. Esses termos podem criar um falso senso de segurança entre pessoas que têm comportamentos de risco, mas não se identificam com tais grupos. O uso dessa terminologia historicamente estigmatizou LGBTQIA+, profissionais do sexo, hemofílicos etc.

Luta contra a aids

Evitar a metáfora da guerra. A pessoa não está constantemente em uma batalha, ela vive com uma condição de saúde específica. Além de ter o perigo da transferência da luta contra as pessoas vivendo com o vírus.

Populações-Chave

Adesão ao tratamento, vive com HIV

Teste de aids

Não existe teste de aids. O teste de HIV baseia-se na detecção de anticorpos para o vírus presentes ou não na amostra da pessoa.

Vírus da aids ou vírus do HIV

A aids é uma síndrome, não um vírus. Já a sigla HIV significa “vírus da imunodeficiência humana”, portanto, expressões como “vírus do HIV” são redundantes.

Teste de HIV; teste sorológico anti-HIV

HIV

Vítima da aids

A palavra ‘vítima’ desempodera e estigmatiza. É aconselhável dizer que a pessoa foi acometida por infecções ou doenças oportunistas decorrentes da síndrome da aids, se isso for comprovado.

Aidético

Jamais utilize este termo. Além de incorreto, é sorofóbico, estigmatizante e ofensivo.

Pessoa vivendo com HIV ou pessoa HIV positiva

Pessoa que vive com HIV

PAUTAS GERADORAS DE **VIDA**

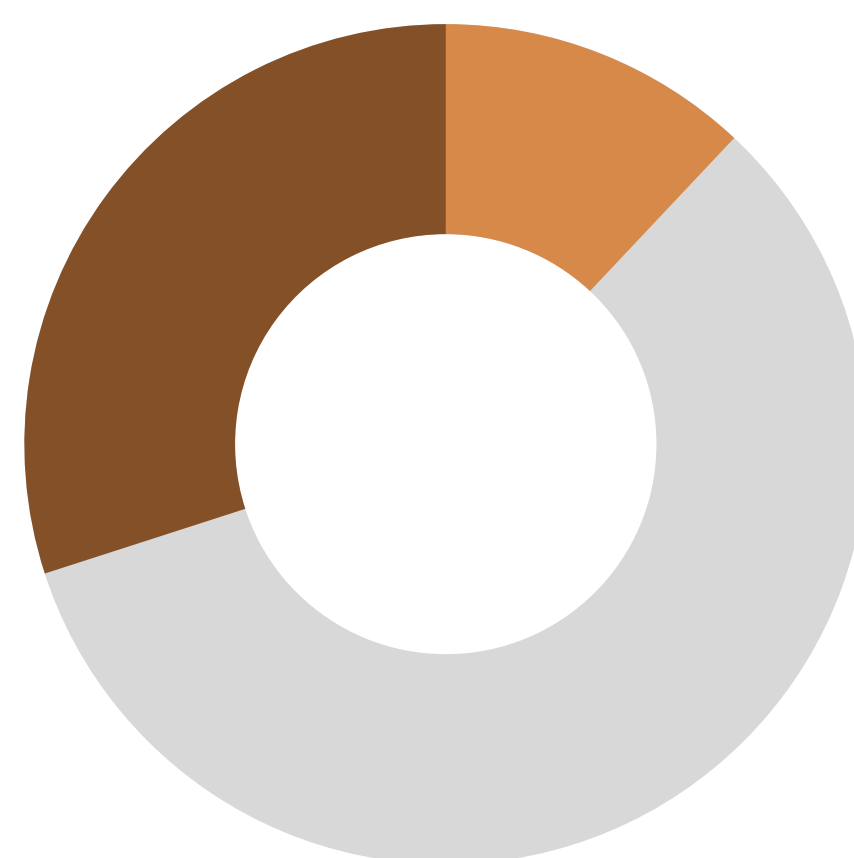
A pesquisa que inspirou este manual mostrou que o HIV é frequentemente tratado em pautas sobre crime ou morte. Isso reforça o estigma e desvia o olhar da saúde e da informação. O jornalista tem o poder de mudar essa lente.

EVITE COBRIR O HIV COMO PUNIÇÃO OU FIM TRÁGICO

O ALERTA

Das pautas
estigmatizantes

30% estavam em Editorias Policiais, associando o vírus a crimes, violência ou perigo



12% foram publicadas na editoria de Obituário.

A DICA

Se o HIV não for relevante para a compreensão do ato criminoso ou do falecimento em si, é preciso refletir se mencioná-lo é necessário. Talvez citar o vírus não contribua em nada com o objetivo da notícia e só aumente o horror, medo e aversão contra pessoas que vivem com HIV.

DICAS DE PAUTAS PARA PROMOVER UMA COMUNICAÇÃO NÃO ESTIGMATIZANTE:

Saúde

I=I, PrEP/PEP, novos medicamentos, as inovações tecnológicas em tratamento.

Pessoas vivendo com HIV em posições de liderança, na maternidade, no esporte. Romper o estigma no mercado de trabalho.

Cotidiano e Trabalho

Ativismo

Ações de redes de apoio, influência digital (Instagram/TikTok), defesa de direitos.

A importância da memória, mas sem reduzir a pessoa ao vírus, focar nas carreiras, lutas, talento, opiniões. Cuidado para o HIV não virar marca de tristeza.

História e Memória

1º de dezembro, Dia Mundial de Luta Contra a AIDS

Viver com HIV hoje: histórias de vida e superação;
Ciência e cuidado: o Brasil no enfrentamento ao HIV;
Juventudes e prevenção combinada;
Mulheres e HIV: maternidade, afeto e direitos;
Divulgar os dados do Boletim Epidemiológico anual com foco em informação, alerta e educação, transformando números em conhecimento e promovendo consciência, não medo.

PRIORIZE O PROTAGONISMO E A DIGNIDADE

NOMEAR IMPORTA

As notícias que utilizaram o termo “**pessoa vivendo com HIV**” como identificação produziram matérias **não estigmatizantes** em quase **83% dos casos**.

Já o uso de expressões como “**portador**” **reforçou preconceitos** em cerca de **74% das matérias**. As palavras moldam percepções e podem reduzir ou alimentar o estigma. Escolha-as com cuidado.

83%

74%



FALAR **COM** É DIFERENTE DE FALAR **SOBRE**, E ISSO MUDA TUDO

Matérias que **ouviram pessoas vivendo com HIV** tiveram abordagens **mais humanas e informativas** em **85% dos casos**.

Quando **outras pessoas falaram** por elas, **82% das matérias foram estigmatizantes**.

Quando quem vive com HIV conta sua própria história, o estigma dá lugar à empatia.

Diversifique as vozes: inclua quem vive, quem defende direitos.

Matérias sobre HIV devem, sempre que possível, entrevistar pessoas vivendo com HIV, com consentimento e respeito ao sigilo.

85%

82%

AS LEIS E O HIV

Conhecer a legislação é essencial para comunicar com responsabilidade. O Brasil possui um conjunto de leis que garantem tratamento gratuito, sigilo, não discriminação e direitos previdenciários às pessoas vivendo com HIV.

Constituição Federal (1988)

Garante a dignidade humana, o direito à saúde e não discriminação. Pessoas vivendo com HIV têm os mesmos direitos de qualquer cidadão.

Lei nº 7.670/1988 e Lei nº 8.213/1991

Asseguram auxílio-doença e aposentadoria por invalidez sem exigência de carência mínima. A Lei nº 13.847/2019 dispensa reavaliação médica de quem vive com HIV e já recebe aposentadoria.

Lei nº 7.713/1988 Art. 6º, XIV

Garante isenção de Imposto de Renda sobre aposentadorias e pensões de pessoas vivendo com HIV.

Lei nº 9.313/1996

Garante o tratamento gratuito pelo SUS a todas as pessoas vivendo com HIV. Em caso de restrição, é possível recorrer aos conselhos de saúde ou à Defensoria Pública.

Lei nº 9.656/1998 – Art. 10

Proíbe operadoras de planos de saúde de recusar clientes com HIV ou excluir o tratamento da cobertura.

**Portaria nº
1.246/2010
(Ministério do
Trabalho)**

Proíbe a testagem para HIV em exames admissionais, periódicos ou demissionais. O médico só pode avaliar a capacidade de trabalho, nunca a sorologia.

Lei nº 12.984/2014

Define como crime qualquer ato de discriminação contra pessoas vivendo com HIV e aids, com pena de reclusão e multa.

**Lei Geral de
Proteção de Dados
LGPD (2018)**

Classifica a sorologia como dado sensível. O tratamento dessas informações exige sigilo absoluto e consentimento da pessoa envolvida.

Lei nº 14.289/2022

Garante o sigilo da condição sorológica em qualquer ambiente, público ou privado. Revelar o diagnóstico sem consentimento é violação de direito.

**Declaração dos
Direitos
Fundamentais da
Pessoa Vivendo
com HIV (1989)**

Assegura o direito à informação, tratamento, privacidade, e não discriminação. Ninguém pode ser submetido a teste compulsório nem ter sua sorologia exposta.

**Leis Estaduais e
Municipais**

Diversos estados e municípios possuem legislações que garantem transporte gratuito, acesso prioritário e medidas de proteção contra discriminação.

CHECKLIST RÁPIDO

PUBLICAÇÃO CONSCIENTE

Antes de fechar o título, a manchete ou o lead, verifique se sua matéria preenche os requisitos de uma comunicação não estigmatizante!

Se responder “**NÃO**” a alguma das perguntas, vale revisitar o texto, sempre é possível reforçar o compromisso com uma comunicação sem estigma.

A terminologia é correta e atual?

Usei apenas termos que não promovem estigma (ex.: Pessoa Vivendo com HIV, e não “portador”)?



Incluí conceitos que ajudam a desconstruir imagens errôneas, como I=I (Indetectável = Intransmissível), testagem e casais sorodiferentes, quando o contexto pedia?



Evitei expressões alarmistas e depreciativas, como “vírus mortal”, “doença incurável” ou “vítima da aids”?

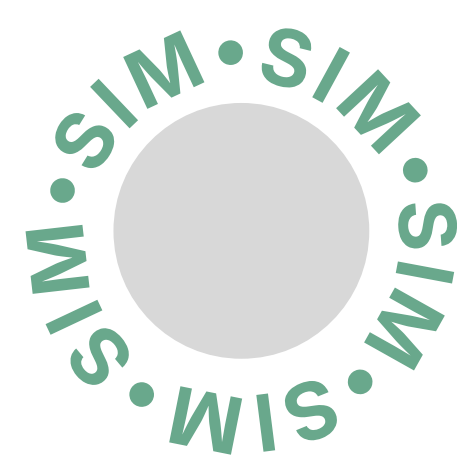


Qual é o papel do HIV na matéria?

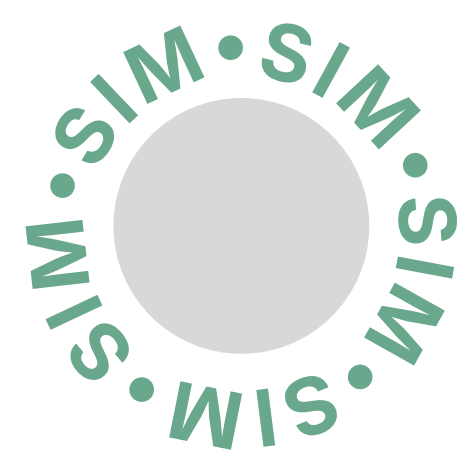
O HIV é parte essencial da notícia ou foi usado apenas para gerar impacto e reforçar estereótipos?



Estou tratando o HIV como informação de saúde e cidadania, e não como tragédia, crime ou sensacionalismo?



Escreveria esta matéria da mesma forma se o tema fosse outro assunto de saúde pública?

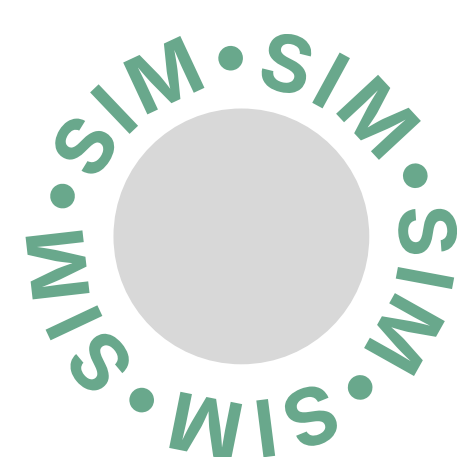


A voz de quem vive com HIV foi ouvida?

O texto promove empatia e conhecimento, ou reforça medo, culpa e punição?



A matéria inclui a fala de pessoas vivendo com HIV ou ativistas sobre suas próprias experiências?



CONTINUE APRENDENDO

Estas são as principais referências para quem produz conteúdo sobre HIV e aids no Brasil. Elas oferecem dados atualizados, contato com especialistas e histórias que inspiram uma comunicação livre de estigma.

**MINISTÉRIO
DA SAÚDE**

Departamento de HIV,
Aids, Tuberculose,
Hepatites Virais e ISTs



**UNAIDS
BRASIL**

Programa Conjunto
das Nações Unidas
sobre HIV e aids

REDES E COLETIVOS DE ATIVISMO



Lucian Ambrós

@posithividades

Psicanalista e criador de conteúdo do Posithividades, espaço acolhedor que compartilha vivências e informações positivas sobre viver com HIV.



Lucas Raniel

@lucasrael_

Artista e comunicador que fala com leveza sobre prevenção, autoconhecimento e desmistificação do HIV.



Jéssica Mattar

@jess.mattar

Mãe vivendo com HIV, compartilha sua rotina de maternidade soropositiva e fala sobre afeto, tratamento e acolhimento sem tabu.



David Oliveira

@eu.soudavid

Idealizador do projeto Doses de Vida, apoia pessoas recém-diagnosticadas e promove fé, acolhimento e diálogo sobre religião sem preconceitos.



Thais Renovatto

@thaisrenovatto

Escritora, fala sobre tratamento e direitos, e é embaixadora do projeto Criança Aids, que apoia famílias com crianças vivendo com HIV.



Sabrina Luz

@sabrinaluz_pessoa

Mulher trans e ativista cearense, une solidariedade e informação em ações de rua e conteúdos sobre prevenção e dignidade.



Agência de Notícias da Aids

@agenciaaids

Agência especializada em HIV e aids com cobertura jornalística nacional e internacional sobre saúde, direitos e cidadania.



Tudo Sobre HIV

@tudosobrehiv

Canal de informação clara e acessível sobre HIV, prevenção combinada e adesão ao tratamento.

*Não é o vírus que mata.
É o preconceito.
Seja parte da solução.*

